

Diana Der Hovannessian

tradução de **Sebastião Edson Macedo**

Bari Nakhants

is Armenian for “good envy.”
Envy alone is never good
but corrosive. It can chill
the soul while bari nakhants
means approval filled
with something like gratitude
plus admiration of a skill.

Reading love poems for
someone else written long
before we met they arouse
no jealousy nor cause
a desire to inspire such verse.
No, Bari Nakhantz is what I feel:
awe added to applause.

Bari Nakhants

*quer dizer “inveja branca” em armeno.
Inveja apenas nunca é bom
mas corrosivo. Pode arrepiar
a alma no entanto bari nakhants
significa consentimento cheio
de algo tipo gratidão
com admiração por um dom.
Lendo poemas de amor para
um outro alguém escrito bem
antes da gente se encontrar não
despertam ciúmes nem provocam
um desejo de inspirar tal verso.
Não, bari nakhantz é o que sinto:
pasma acrescido de aplauso.*

Café Armenia

I turned and saw her look of hatred;
turned and trapped her look of hurt,
her sullen mouth, eyes skimmed with venom.

Wait, I wanted to say, wait, you are not
understanding. This has nothing to do with
you or me. Wait, I will be gone tomorrow.
I'm just a symbol of far-off places, the daughter
of the fedayi, I am the exile and the exile's child,
the lost provinces returned for an hour.

Your group had rescued me. At least the men did.
The men at your table at the Hotel Armenia,
that summer night. Other young Armenian men
kept interrupting my dinner asking me to dance.
And I, brought up with American dancing school
manners, afraid of hurting feelings, danced and danced
while my dinner cooled and gelled.

Finally your husband walked over, picked up my plate
and said, "We're moving you to our table, Diana.
So you can eat."

Diana. He knew my name. You all did. I was
the visiting stranger known by your Yerevan University
group. Then your husband discovered I could do the lezginka.

That's when I turned to see your face. I wanted to say,
He's not flirting. This has nothing to do with me.
He is dancing with the lost and gone.
I am dancing with what might have been.
This has nothing to do with sex.

The next day I could not remember his name.
But among my Yerevan souvenirs I carry
the knife blade of your stare.

Café Armenia

*Eu me virei e vi a cara dela de ódio;
me virei e fui pego pela expressão de dor,
sua boca sombria, os olhos espumando veneno.*

*Peraí, eu quis dizer, espera, você não tá
entendendo. Isso não tem nada a ver com
você ou comigo. Espera, amanhã eu já terei partido.
Eu sou apenas um símbolo de lugares remotos. A filha
do desertor, eu sou o exílio e a criança do exílio,
as províncias perdidas devolvidas por um instante.*

*Seu grupo me resgatou. Pelo menos os homens me resgataram.
Os homens da sua mesa no Hotel Armênia
naquela noite de verão. Outro jovem armeno ficou
perturbando meu jantar me pedindo que dançasse.
E eu, treinada em escolas de dança de estilo
americano, com receio de ferir sentimentos, dancei e dancei
enquanto meu jantar ia esfriando e empedrando.*

*Finalmente seu marido se aproximou, pegou meu prato
e disse, “Nós vamos transferir você para a nossa mesa, Diana.
Aí você vai poder comer.”*

*Diana. Ele sabia meu nome. Vocês todos sabiam. Eu era
a estranha visitante conhecida pelo seu grupo da Universidade
de Yerevan. Então seu marido sacou que eu podia dançar a lezginka.*

*Foi quando eu me virei pra ver a sua cara. Eu quis dizer,
Ele não está flertando. Isso não tem nada a ver comigo.
Ele está dançando com o que se perdeu e partiu.
Eu estou dançando com o que poderia ter sido.
Isso não tem nada a ver com sexo.*

*No dia seguinte eu nem lembrava mais o nome dele.
Mas entre meus mementos de Yerevan eu guardo
a lâmina da navalha da sua encarada.*

Angel in Somerville

Once Sona gave me an angel. Or I should say
a drawing of one sprinkling stars
like snow, inscribing it, “Diana scattering
light.” Not mother, not mommy, not mom —
she used my name. I taped it to the door
of her old room and there it stayed until

it came to life today. Walking in Somerville
I saw a woman in an empty parking lot
scattering crumbs St. Francis style
to swarming pigeons at her feet,
Sona’s angel strewing stars, chatting as regent,
angel, queen, — bag lady no more, but mother
feeding her children, dispensing grace.

Anjo em Somerville

*Um dia Sona me deu um anjo. Ou devo dizer
o desenho de um salpicado de estrelas
como a neve, inscrito, "Diana difundindo
luz." Não foi mãe, nem mãezinha, nem mamãe -
ela botou meu nome. Eu o coleí na porta
de seu antigo quarto e lá ficou até que*

*ele veio um dia à vida. Andando em Somerville
eu vi uma mulher num estacionamento vazio
distribuindo migalhas tipo São Francisco
para uma multidão de pombos a seus pés,
o anjo de Sona lançando estrelas, falando qual regente,
anjo, rainha, - não era a mendiga, mas a mãe
alimentando suas crias, espalhando graça.*

When the music stopped

for Gomidas Vartabed

When he was left for dead,
when he awoke and saw
the slaughter, the cut-off heads,
the crucified young girls, and
his modest students raped
he never spoke again,
For twenty silent years
he only stared, past tears,
past outrage, stunned,
never to sing again,
staring into the dark time
when music came undone.

Quando a música parou

para Gomidas Vartabed

*Quando ele foi dado por morto,
quando ele despertou e viu
a chacina, as cabeças degoladas,
as jovens crucificadas, e
suas recatadas alunas violadas
ele nunca mais se pronunciou,
Por vinte silenciosos anos
ele ficou só, lágrimas passadas,
ultraje passado, assombrado,
para nunca mais cantar de novo,
encarando a época sombria
em que a música ficou intocada.*

The Silent Piano

My friend Maro Ajemian, the concert pianist,
carried a silent piano when traveling far or near.
She practiced on a roll-up plastic keyboard
fingering music, no one else could hear.

She told me about an Auschwitz prisoner
carving a wooden keyboard with a knife
and wondered where he got it
and the plank of wood that saved his life.

We spoke about silent Gomidas and musicians
forced from their homes to die.
Then Maro went to the real piano,
fire in her eyes, and made it cry.

O piano mudo

Minha amiga Maro Ajemian, pianista de concerto, carregava um piano mudo aonde quer que fosse. Ela praticava num teclado de plástico enrolável dedilhando a música, sem que ninguém ouvisse.

Ela me contou de um prisioneiro de Auschwitz esculpindo um teclado de madeira com uma faca e fiquei pensando onde ele a conseguiu e à tábua de madeira que salvou sua vida.

Nós falamos do mudo Gomidas e dos músicos forçados a deixar suas casas para morrer. Aí Maro veio até o piano de verdade, com os olhos em brasa, e o fez chorar.

After Auschwitz

“It is impossible; it is indecent, to write poetry after Auschwitz.” -Theodor Adorno

What about after 1915, when Daniel Varoujan’s head was stoned, cracked, after his clothes were removed; and after poet physician Rouben Sevag chose to die with him, after being offered freedom if he would convert?

What about the other poets and writers at Changeri prison whose only crime was being Armenian who thought their friend short story writer Krikor Zohrab serving in the Ottoman Parliament could save them? But he too was executed.

Is it indecent to write poetry ever again? Would it not mock the word “poet” and “poetry” when so many were martyred for its sake? And when all the readers died? When all the children who would have been readers and new poets were raped or stolen? What about music? Should all singing stop? Because Gomidas was silenced? Should all dance be forgotten? Shall we never love the word, or each other? Is that what the martyrs would decide?

Depois de Auschwitz

"É impossível, é indecente, escrever poesia depois de Auschwitz" - Adorno

E quanto a antes de 1915, quando a cabeça de Daniel Varoujan foi apedrejada, esmagada, depois suas roupas arrancadas; e depois que o poeta médico Rouben Sevag escolheu morrer com ele, após terem lhe oferecido liberdade se ele tivesse se convertido?

E quanto aos outros poetas e escritores no cárcere Changeri cujo único crime foi serem armênios que pensaram que o contista amigo deles Krikor Zohrab servindo no Parlamento Otomano poderia salvá-los? Mas ele também foi executado.

É indecente escrever poesia desde então? Não seria zombar da palavra "poeta" e "poesia" quando tantos foram martirizados por sua causa? E quando todos os leitores morrerem? Quando todas as crianças que teriam sido leitores e novos poetas forem molestadas e roubadas? E quanto à música? Todos os cânticos deveriam cessar? Porque Gomidas ficou mudo? As danças todas deveriam ser esquecidas? Não hemos de amar a palavra, ou uns aos outros? É isso o que os mártires iriam deliberar?

Diana Der Hovanessian é norte-americana nascida na região de New England, EUA. É autora de mais de 25 volumes de poesia e tradução, cujo título mais recente é *Dancing At the Monastery* (Dançando no Monastério), saído pela Sheep Meadow Press. Ganhadora de vários prêmios literários nos Estados Unidos e na Armênia, seus poemas de têm aparecido no American Poetry Review, nas revistas Ararat, Agni, American Scholar, New York Times, Poetry, Paris Review e numerosas outras publicações. Ela também é dramaturga e foi duas vezes Professora Fulbright de Poesia Americana no estrangeiro. Os poemas das traduções aqui apresentadas foram gentilmente cedidos pela própria poeta.

Sebastião Edson Macedo é poeta e ensaísta, autor de: *para apascentar o tamanho do mundo* (Oficina Raquel: 2006); e *cego puro sol* (UFRJ/FL: 2004). Nasceu no interior do Piauí em 1974. Atualmente mora no Rio de Janeiro, onde se tornou Mestre em Estudos Literários Portugueses pela UFRJ.